



# O Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 29 de Agosto de 1987 \* Ano XLIV — N.º 1134 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes pelos Rapazes

Fundador Padre Américo

## CANTINHO DA FAMÍLIA

Nestes dias de repouso, vou saboreando as cantas de rapazes criados em nossa Casa e outras da família de fora. Por todas elas corre o fio de leite gerador de laços familiares. E se a força desta união não tem raízes nem na carne nem no sangue, é firme e verdadeira porque nasceu do Amor na sua dimensão riquíssima que é a espiritual. Experiência interessante e mesmo apaixonante para aqueles e aquelas a quem foi dado este dom de ser pai e mãe segundo o espírito.

Somos fruto do Amor. Alimentamo-nos e vivemos para o Amor. É a condição normal do ser e do existir. Os desequilíbrios pessoais e sociais passam, em grande parte, pela ausência deste clima na vida familiar. As nossas Casas do Gaiato recolhem, em geral, os frutos destes desequilíbrios.

Estou a lembrar-me da história dos mais pequeninos. Ao chegarem a Casa cobriam-nos de beijos, sempre que passavam por nós pediam um beijo porque nunca tiveram o amor

de que precisavam. A pouco e pouco vão recuperando o equilíbrio de crianças normais. O segredo está na família.

A mãe tem um papel insubstituível nestas idades e pela vida fora. E o pai de igual modo. Daqui nasce a nossa grande aflição: — Como cobrir estes filhos com a ternura da mãe e o carinho do pai? Onde estão, se os que lhes deram a vida, segundo a carne, desapareceram? Na mulher que descobre no seu coração uma medida tão grande que é capaz de amar não apenas um, dois ou três, calculadamente previstos e desejados, antes quer ser mãe dos que a perderam sem perder o sabor de a terem. Ela é, por natureza, a

central da ternura. Propor aos corações femininos a descoberta da dimensão espiritual do amor para ser vivida a jeito de mãe destes filhos, agora crianças, depois adolescentes e jovens, é falar de vocação, de caminho de realização pessoal. Propor aos corações de homens a aventura de viver a paternidade de uma multidão de filhos que não souberam o que era ter um pai, é falar de um caminho de realização pessoal dentro do sacerdócio. Sim, os sacerdotes a quem é dada a graça de viverem a sua consagração por este caminho único de darem toda a riqueza da sua vida aos que tudo per-

Cont. na 4.ª pág.

## Tribuna de Coimbra

Fui com um grupo dos que «já deram o nome pra tropa» assistir ao Juramento de Bandeira do Manuel, que todos os fins-de-semana falava na festa do seu Juramento de Bandeira.

Quando, naquela tarde, chegámos junto do Quartel, encontramos uma multidão de familiares que caminhavam para a parada, cheia de militares aprumados, com suas armas e bandeiras. A banda estava a um lado. A tribuna de honra. Os chefes. Tudo bem no seu lugar.

A hora exacta começaram as cerimónias. Tudo com muita dignidade. Tudo sem atropelos. A continência à Bandeira Nacional com o cântico do Hino. Saudação ao comandante. Condecorações aos premiados. A alocação de um oficial. A leitura de alguns dos deveres militares. O momento solene do Juramento de Bandeira foi apoteótico. O desfile de todos na parada. E, por fim, alguns exercícios reais e simulados.

O Manuel, quando terminou, veio ainda de arma na mão abraçar-nos e beijar-nos, feliz pela sua festa e pela nossa presença, embora fisicamente cansado. Esperámos que fosse autorizado a sair e trouxemo-lo a passar o fim-de-semana. Somos a sua família.

Regressámos todos contentes. O Miguel, que vai para o serviço militar daqui a dias, já pediu várias vezes para irmos também ao seu Juramento de Bandeira. Os actos sérios impressionam sempre bem. Tudo o que é militar tem no nosso subconsciente o cunho do aprumo. A disciplina militar faz parte de toda aquela vida. Não somos capazes de conceber vida militar sem disciplina e sem aprumo. O Manuel e todos os seus companheiros saudavam-se com muita alegria.

Que estes jovens nunca vendam, nem troquem, a sua farda e a sua honra por preço algum. Que nunca atraiçoem a Bandeira a que juraram fidelidade. Já tantas vezes temos visto a honra e a Bandeira tão espezinhadas!...

Ficou em todos nós a recordação de uma tarde de grande festa.

Padre Horácio

## FESTAS

### COLISEU DO PORTO

na manhã do primeiro Domingo de Outubro

Não é tarde nem cedo, mas são bem horas de preparar os Amigos, da região Norte, para as Festas que Bernardino e Júlio Silva preparam intensamente, após um hiato de três anos.

Na última edição d'O GAIATO, Serafim já tocou a rebater uma necessidade do elenco. E do programa falar-se-á oportunamente.

Procurámos situar o calendário da digressão no mês de Outubro, celebrando nos palcos, com a actuação dos pequeninos artistas, o Centenário de Pai Américo — bem vivo na alma de todos nós. As Festas serão hinos d'Acção de Graças!

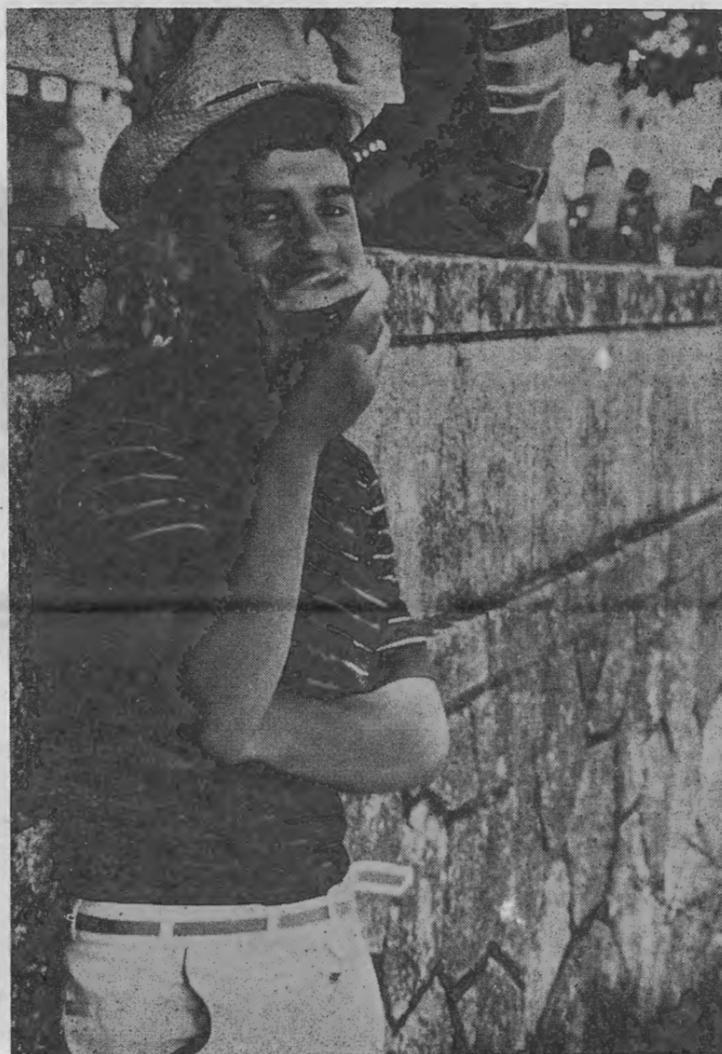
Não tem sido fácil marcar o itinerário! Contra a nossa vontade e da própria gerência do Coliseu — tudo fez para ser agradável — a Festa será, no Porto, às 11 horas da manhã. «Ao domingo, da parte de manhã, a casa é inteiramente vossa. Não estamos sujeitos a ninguém» — disse o gerente, pelo telefone.

Sem querermos esgotar o aliciante das Festas, eis as datas para a tournée:

#### OUTUBRO:

- 4 (domingo), às 11 horas da manhã — COLISEU DO PORTO
- 6 (terça-feira), às 21,30 h — Teatro Aveirense — AVEIRO
- 12 (segunda-feira), às 21,30 h — Cine-Teatro Augusto Correia — V. N. FAMALICÃO
- 21 (quarta-feira), às 21,30 h — Amarante Cine-Teatro — AMARANTE
- 29 (quinta-feira), às 21,30 h — Cinema S. Geraldo — BRAGA.

Júlio Mendes



A nossa grande aflição: — Como cobrir estes filhos com a ternura da mãe e o carinho do pai? Onde estão... se os que lhes deram a vida segundo a carne, desapareceram?

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

■ Topámos a pobre mulher, na rua. Sumidinha, parecia uma Zé ninguém.

— A Caixa anulou a minha inscrição... e sou tão doente! Não sei dar as voltas. Não sei escrever!

O vicentino, sem pouso nem emblema para se instalar, quando toca a sirene atende em todo o lado, especialmente no domicílio dos Pobres.

No caso vertente, foi carta para os burocratas. Breve, delicada; contesta a decisão unilateral e acentua a verdade factual.

■ Acudimos, também, a um pai aflito com a subsistência duma filha entregue à ama, já que a mãe anda por lá... Uma criança marcada para toda a vida!

Assim outros inocentes, pelo mundo fora, pudessem ser redimidos — para haver menos revoltados.

■ O problema da habitação aflige os Pobres!

Ao abrigo do Código Civil, preenchemos a declaração para uma família depositar, na Caixa Geral de Depósitos, a mensalidade que o senhorio recusa aceitar.

— Nem sempre encontramos quem escreva estes papéis! Na cidade, levam bom dinheiro — q'a gente não tem.

A propósito, outra história que não tarda a ser grave: Um casal e dois netos — órfãos de pais — residem (por favor!) na casa dum familiar. Sentindo-se a mais, procuram outro abrigo. Porém, o mercado de habitação está saturado, as rendas são caríssimas. Sonham com um dos vinte e tal fogos que as entidades oficiais não erguer numa colina recheada de pinheiros, tão bons ares e panoramas que regalam os olhos e os pulmões. Empreendimento, de propriedade resolúvel, que é uma gota no mar imenso de necessidades!

Resta o Património dos Pobres, que não chega para as encomendas! E os trabalhadores só vislumbram a Autoconstrução, com terrenos pagos a peso d'ouro! Por isso, «num País como o nosso, o Estado não pode permitir-se ficar à margem do processo e tem que ser o principal promotor da habitação. Foi assim que se procedeu na reconstrução da Europa, a seguir à guerra; foi assim, também, que a Espanha resolveu as suas carências neste sector. O papel dos municípios é essencial em todo o processo, pois o problema mais grave (já referimos) é os terrenos urbanizados serem muito caros», tornando-se «fundamental que as administrações central e local criem condições de terrenos urbanizados — não sujeitos à especulação».

Seria ouro sobre azul, no interior do País! O primeiro benefício para motivação dos Autoconstrutores.

PARTEILHA — 500\$00, de Vilares (Vila Franca das Naves), «para ajudar os Pobres — e Deus nos ajude a todos». Ele não falta!

Vale postal da assinante 26471,

«referente à minha contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — dos meses de Julho e Agosto — destinados a uma senhora idosa e doente. Também sou idosa e doente... Não devo nem me quero esquecer de quem esteja carecido de bens para levar um bocadinho melhor a sua cruz».

O primeiro Mandamento!

Assinante 275, de Oliveira de Azeitões, outra nota de 500\$00 «para um Pobre, se possível chamado António». É só fazer a escolha...

(Manuel, da Rua Faria Guimarães (Porto), com sobras «para a Conferência de Paço de Sousa».

Agora, temos a assinante 31104 — exemplar persistência! — com «toda a escrita fora de ordem», mas «esperando tudo fique como deve ser», manda um grande bolo para duas famílias e «outras necessidades». Suplica, finalmente: «Rezem por mim». Rezámos!

Presença da «Avó de Sintra», chocada pelo acidente de um neto cuja «dor fez esquecer a minha obrigação!» O nosso Deus é sumamente Misericordioso!

A costumada oferta de Santa Cruz do Douro e lembranças d'Eça de Queiroz, cuja auréola atravessa o mundo de lés-a-lés.

«Uma portuense qualquer» passa «uns diazinhos fora. Mas, antes da partida, envia a migalhinha de Julho para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, pois as nossas férias não devem prejudicar aqueles que as não têm». Continua: «Vai um pouquinho mais a lembrar a partida de Pai Américo para o Céu. Homenagem simples, mas do coração».

Mensagem oportuna! Acrescentamos: o coração é o motor da vida. E citamos Pai Américo: «É o coração que mata a gente!»

Três contos de «Uma Alentejana» que pede «uma oração por alma dos meus queridos mortos».

Os Alentejanos não são um povo sem Fé! Recentemente, partilhando com o reitor dum santuário mariano, ambos levantámos as mãos a Deus pelas manifestações de Fé trastagana — no Santuário de Nossa Senhora da Conceição. A Mãe de Jesus viva actuante na alma daqueles povos!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Praia de Mira

O Paulo, de Lamego, meigo e esbafo, acaba de limpar o quarto de banho. Nos quartos, o Vítor Jorge e o Maria. Na copa, Neutel e outros. Na sala de jantar, o Almeida. Nas batatas, Zézinho e Miguel.

O Zé Luís, desde o princípio das férias, está na cozinha. Primeiro, com a sra. Maria da Luz; no fim, com a sra. Rosária. Outros quatro foram com o Padre Horácio apanhar laranjas.

Na areia, à borda do mar, o jogo de volei tem sido a nota dominante, neste turno. Os banhos não se perdem. Não escapam os deitadiços ao sol. Também as passeatas para longe, sempre a caminhar ao som das ondas.

O primeiro turno foi, essencialmente, constituído pelos «Batatinhas»; e o último, nos primeiros quinze dias de Agosto, por um grupo de mais velhos. Quando sair esta crónica, já não estamos na bela casa à beira-mar, na Praia de Mira. Sim, na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, muitos satisfeitos com o sabor das férias. Para o ano, se Deus quiser, haverá mais e com muitas caras novas.

O Mário tomou a vir, sem o irmão. É de salientar o «Palhaço» — ainda assim chamado — em nossa Casa e depois no Calvário. Veio saborear férias connosco.

Guido

## Miranda do Corvo

BATATAS — Colhemos, nos nossos campos, cento e vinte toneladas de batata, não contando com a miúda e a que ficou cortada pela enxada.

FRUTA — Houve menos pêsas que o ano transacto. Mas chegam para as merendas.

As maçãs prometem aquilo que estamos habituados.

REGA — No tempo do calor não se espera outra coisa senão a rega constante: do milho, feijão, tomates e pimentos, cebolas, cenouras, árvores de fruto e abóboras.

Os poços sempre a esvaziar! E, de manhã à noite, de enxada na mão, ninguém perde tempo!

DESPORTO — Continuamos no tomeio inter-Casas com jogos de futebol e temos comido o necessário.

Agora, não vamos encomendar nenhum grupo. Chega de comedelas de golos!

— Eh pá, estamos enjoados!...

Um pedido: Necessitamos de uma bola de volei.

Guido

## Homenagem a Pai Américo

Este ano — 1987 — constitui para nós, gaiatos, aquele que vai ser o ano do encontro, da festa, da celebração da pedagogia imortal dum homem que vive em todos nós.

Falar, citar ou apontar Pai Américo, é fazer ressuscitar caminhos novos na defesa das crianças abandonadas, dos Pobres e dos doentes.

A grande loucura de Pai Américo foram as crianças pobres e os doentes. Só pensou neles e por eles deu a vida através de projectos sociais e morais que, no mínimo, lhes deram segurança na vida.

Foi nas Casas do Gaiato (através de Pai Américo) que aprendemos o que era a liberdade e como fazer o seu uso consciente e responsável. Aqui descobrimos a força de um sorriso límpido, um olhar honesto e a sinceridade das palavras quando pronunciadas.

Conviver com Pai Américo significa viver com alguém e isso exige doação e partilha, quer seja de dons materiais, quer seja de tantas outras coisas que temos dentro de nós. É difícil, muitas vezes, este partilhar; mas o convívio é isto mesmo, é dar o que temos e receber dos outros o que eles têm para dar.

Falar do primeiro Centenário do nascimento de Pai Américo é falar em Primavera, em vida nova, em festa e no carinho que ele nos deu quando nos sentíamos carentes.

Muito se falará de Pai Américo. O importante é que fique bem alto para ser visto por todos e nunca cingido a uma faceta.

A Pai Américo só podemos, humildemente, expressar o nosso muito obrigado.

Manuel Fernandes

## Azurara

No dia 7 de Agosto chegou a carrinha com o 2.º turno de férias. Morenos e «enlatados», vinham os mais pequeninos da casa e os «Batatinhas». Vinte e um dias de praia.

Tempo bom, dentinhos brilhantes ao sol e bochechinhas a encherem-se de cor...

Uns desenham na areia, chapinam na água, fogem das ondas; outros, poucos, de dedito na boca deixam escapar por cima do ombro envergonhado um olhar de soslaio, tiumento, para os baldes, as pás, os brinquedos coloridos dos meninos que brincavam ao lado...

Os dias traquinas iam chegando ao fim, nas horas amigas do jantar, quando o sol já vestia o pijama e a praia ficava só.

Foi muito bom!

Henrique

## LAR DE S. DOMINGOS LAMEGO

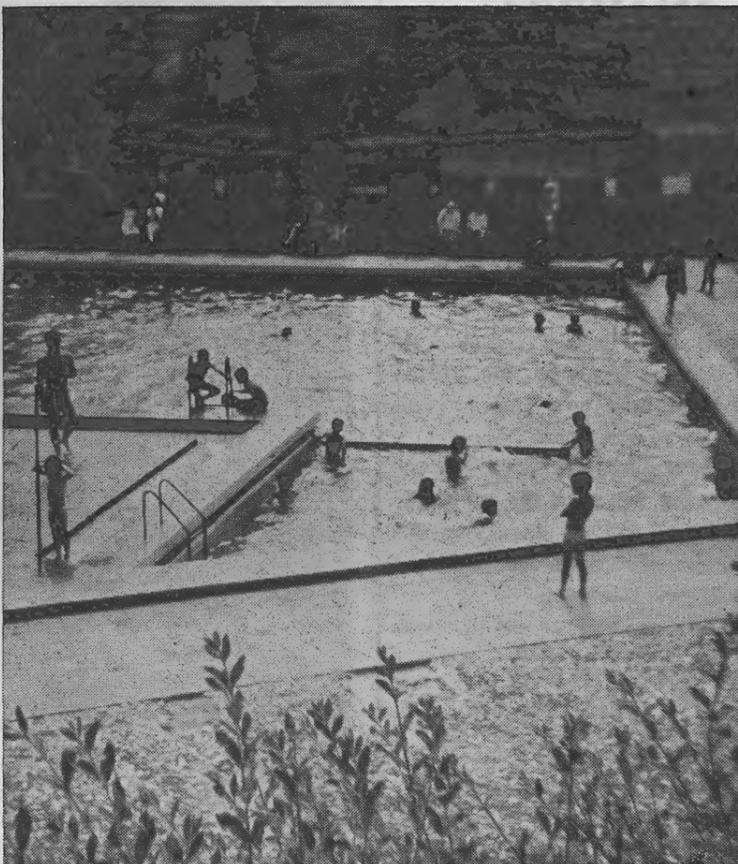
Durante vários anos houve razão para chamar a esta casa, Lar Operário. Todos os rapazes, tendo já concluído a Instrução Primária, tentavam aprender uma arte.

Tinha-se em vista garantir, no futuro, o pão de cada dia; e que os rapazes, voltando à terra da naturalidade, ali exercendo a sua profissão, fossem úteis também aos seus conterrâneos.

A ideia nasceu numa ocasião em que um povo ficou seriamente embaraçado por ter adoecido o artista que soldava e arranjava o vasilhame de lata, próprio das vindimas. Não havia ainda plástico.

Hoje é tudo diferente. O Lar continua aberto e está sempre superlotado, mas com rapazes que estudam. Não encontramos, pois, razão para lhe chamar Lar Operário e optamos por dizer simplesmente: Lar de S. Domingos. É a mesma casa e fica na rua do Teatro, 16 — 5100 Lamego.

Não vamos falar dos rapa-



A piscina da nossa Aldeia, em Paço de Sousa, refresca a comunidade na época do calor.



# AGORA

«Uma telha para a Autoconstrução, que hoje para pouco mais dá. Não se tem falado «mela» n' O GAIATO, mas des-

zes, mas através deles e no contacto com as famílias, muitas coisas somos obrigados a observar. Escolhemos, desta vez, um caso:

Há pouco tempo, lemos que «o futuro da Humanidade passa pela Família. A Família é a primeira e fundamental comunidade humana».

É natural que se faça distinção entre famílias já constituídas e jovens vocacionados para fundar um lar.

Para o primeiro caso pede-se condições de trabalho, de habitação, de subsistência, etc. Tudo verdade e tudo necessário. Qual há-de ser, porém, o programa dos que se preparam para começar a vida em família? Quantas vezes nem sequer existem qualidades humanas, ou mesmo verdadeiro uso e vulgar exercício das faculdades elementares.

Há anos, conheci o Alberto quase menino da escola. Aprendeu a ler mal, e não lhe foi possível atingir o suficiente para fazer exame. Entregou-se ao abuso do vinho e, nessas ocasiões, com um barrete especial na cabeça, tanto fazia de polícia como de bombeiro ou músico.

Fiquei verdadeiramente surpreendido quando soube que o Alberto ia casar. Tendo cuidado para não faltar à caridade, perguntei se a futura esposa o conhecia bem. Em resposta, ouvi que era, mais ou menos, do mesmo «maipe» do Alberto. Casaram. Apareceu agora um filho. Fui visitá-lo ao hospital e soube dum somatório de peripécias que se passaram à volta do acontecimento. Para cúmulo, o leite materno não é suficiente para alimentar o pequenino. É preciso recorrer a produtos que ficam por um preço que não está ao alcance das possibilidades económicas dos pais. É fácil adivinhar a fome ou a imperfeita nutrição. Que fazer? Que esperar desta família?

Há tantas escolas de formação variada; tantos testes; tantos meios de correcção e protecção a deficientes; aprendizagem de novas técnicas profissionais... Não será possível à Igreja, ou ao Estado, sem ferir a dignidade do Homem, determinar certas condições para formar uma Família?

Sabemos que o assunto é delicado e envolve uma série de problemas, mas não está em jogo o valor da Família e da própria sociedade? E mesmo agora, para o Alberto e esposa não haverá processo de melhoria familiar?

Padre Duarte

pertem, agitem o mundo, que o assunto é de justiça e não caridade somente. Dêem-nos doutrina.»

É com esta legenda breve e preciosa que o Assinante 14567 acompanha a sua «telha» de quinze mil escudos. Com esta legenda que é simultaneamente um oportuno ralhete!

Na verdade há uns largos meses que a «procição» não sai a terreiro e, graças a Deus, não porque não haja matéria. São muitas outras notícias, igualmente oportunas, que nos têm distraído desta.

Mas o mais importante da mensagem é a sede de justiça e a fome de doutrina que ela manifesta. É a responsabilidade que nos é cometida de não adormecermos acerca de um «assunto que é de justiça e não de caridade somente». Assim o entendemos também e bem quisemos que uma atenção a nível do País para o problema da habitação em geral e para esta alineazinha modesta mas eficaz, sobretudo fora das grandes urbes, que é a Autoconstrução, fosse um número importante a marcar este ano Centenário de Pai Américo. Não desesperamos de que se caminhe para tal, mas na verdade há que «despertar», há que «agitar».

Uma realidade muito bela de que esta coluna é demonstrativa: a presença perseverante de tantos que há muitos anos aparecem sem esmorecimento, muitos com a sua «renda» mensal que voluntariamente se propuseram. Eis alguns:

A da «Casa Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo» com vinte contos. M. M. é cer-

tinha no fim de cada mês com quinze e sempre com uma dedicatória cheia do sabor que ela própria experimenta e quer partilhar com outros: «Creio que com esta migalhinha se completam quinhentos contos. Dou graças ao Senhor por ter chegado até aqui e tenho fé em que Ele me ajude até à meta final, até saber a «Casa da Paz» pronta e habitada». Em outro mês, outro desabafo: «Cada gotinha que mando é para mim motivo de íntima alegria, sem ruído nem espalhafato. Aliás, creio que é esta a verdadeira alegria, aquela que enche a nossa alma e que, discretamente, lá se mantém».

Outra «rendeira» é a Dr.ª Felicidade, de Lisboa, que junta na mesma piedade o sufrágio de seu Pai e as necessidades dos Autoconstrutores, enviando a seu favor remessas de 16.500\$00. Que dizer do J. P. R. que há anos sem conta, bate à porta do nosso Lar do Porto com a pressa de quem se esconde de si mesmo, e deixa o seu sobrescrito?

É já que estamos nas siglas, aí estão MM-AL com a mesma frescura da primeira hora. Eles entraram no pensamento de Pai Américo ao lançar esta epígrafe e enquanto souberem de famílias carentes de habitação, há sempre razão para não descansarem, é sempre agora.

Vamos a Lisboa. No Montepio Geral, outra velha Amiga, Mafalda, com duas presenças de vinte. No Franco Gravador, vinte e cinco. E mais, de outras entregas no Tojal, cento e sessenta e dois.

Passa agora, Viseu: «Em 1950 comecei a minha vida

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DA ZONA CENTRO

Mais uma vez, acedendo à vontade e interesse manifestados por um grupo de antigos Gaiatos da nossa Associação, e depois de termos entrado em contacto com a Comissão da Senhora da Piedade, obtivemos autorização para ali nos deslocarmos novamente, a fim de passarmos um dia com as nossas famílias, como de costume, levando cada um o seu farnel e sem programa.

Haverá Missa dominical, pois conitamos com a colaboração do Padre Horácio, desde que lhe seja possível.

A concentração para transporte de alguns, servindo-se dos que o têm, desde que saiam ou passem por Coimbra, será junto ao Estádio Universitário,

às 9,30 h de 20 de Setembro.

Qualquer actividade que faça parte do programa e possa vir a realizar-se, será indicada no local, mas somente serão actos simples.

Para ajudar a passar o tempo é possível que voltemos a organizar um sorteio que obteve êxito o ano passado e ajuda a distrair os participantes.

Esperamos que todos fiquem satisfeitos, como nos mais anos, e para isso necessitamos de bom tempo. De contrário, teremos à nossa disposição as instalações.

Toma nota, não esqueças, pois não voltaremos a lembrar por falta de tempo.

Machado

profissional como docente numa Escola Técnica e tomei como patrono o Pai Américo.

Protegeu-me em todas as vicissitudes da profissão. Agora atingi a reforma que coincidiu com o Centenário de Pai Américo. Não posso ficar indiferente e tenho uma dívida em aberto pelas graças que por intermédio dele recebi. Queria ficar incógnita, mas, como recebi hoje o De como eu fui... e não quero ficar caloteira digo que sou a assinante 24179.»

É manda noventa e um, dos quais noventa são para telhas.

Mas a linda capital das Beiras não se fica por aqui. Maria da Glória é outra professora reformada que gastou a vida a «despertar», a «agitar» e desta missão ainda não assumiu a reforma. Ora ouçam-na:

«Hoje, é o «Dia Mundial da Criança». Verifiquei no pequeno âmbito que me rodeia, que pais, amigos e parentes procuraram envidar e enriquecer mais os seus meninos mimados.

Como nada vi fazer pelos enfeitados da vida, resolvi não seguir os que me rodeiam, mas ir de encontro aos que precisam de amparo. Não posso ir directamente, mas delegar naqueles que me merecem toda a confiança e consideração, para que o façam. Que são 12.000\$ hoje? Nada. Eu sei-o. Mas também sei que muitos poucos fazem muito. Portanto, venho dar as mãos aos que pensam como eu para fazermos uma grande roda de solidariedade à volta daquelas crianças que mereciam ter uma casa onde, com os pais e os irmãos, pudessem formar uma verdadeira família. É pois para aju-

dar a construir uma casinha, que envio essa insignificância. Para os vidros dum janela? Chegará? Não faço ideia.

Aí vão para se reunirem a outros poucos, ou muitos, e fazerem monte.

Com muita amizade e com o pensamento naquele discípulo de Cristo que foi o nosso Padre Américo que tanto bem me tem feito, desejo-vos coragem e muitas graças do Senhor.»

Reparo no monte de notícias para dar e na extensão do que aí vai. Termino, hoje, pois, com este belo testemunho de fraternidade em Igreja que nos vem da diocese de Lamego:

«Quiseram as paróquias da Beselga, Antas, Seixo, Prova e Ourozinho, fazer chegar até vós o fruto das suas renúncias quaresmais (80.000\$00). Embora distantes no espaço, sentimos a proximidade (ou não fosse ela também nossa!) dessa Obra que todos temos por obrigação fazer crescer.

Foi num esforço de nos sentirmos todos uma mesma Igreja, embora desconhecendo-nos, que esta iniciativa surgiu.

Aproveitamos para dizer que estamos ao vosso dispor, a partir de Outubro, para uma visita que queirais fazer a estas comunidades, divulgando assim no meio delas tão rica e vasta Obra, com oportunidade de angariar também algumas assinaturas para o vosso jornal. Estas comunidades situam-se no concelho de Penedono. Os Párocos.»

Para eles e, por eles, para cada um dos das suas comunidades, também o nosso abraço muito amigo.

Padre Carlos

## AQUI LISBOA!

«Os montes marcham à frente dos arrojos. Foi em Agosto de 1935 que teve lugar o primeiro shoot das Colónias de Campo do Garoto da Baixa, o berço onde nasceram as Casas do Gaiato.» (Pai Américo)

Já o ano passado nos referimos nestas colunas às Colónias de Campo do Garoto da Baixa de Coimbra, promovidas a partir de 1935 — primeiras Colónias de montanha realizadas no País. Retomamos hoje o assunto, em pleno ano Centenário, para avivarmos na memória dos mais velhos essa faceta de acção de Pai Américo e para manifestarmos aos mais novos a quanto leva a «lucura» do Evangelho.

Infelizmente, com o decorrer dos tempos, ausentes os seminaristas e estudantes, as colónias de campo organizadas pela Obra acabaram. Os antigos usufrutuários e monitores não esqueceram, todavia, esses velhos tempos. Ainda há pouco um ex-responsável, hoje Bispo da Santa Igreja, nos falava, com saudade, dessa experiência, dos problemas e dificuldades vividos com os Rapazes que se juntavam em cada gru-

po, sem coesão nem disciplina e desconhecedores dos mais elementares princípios de higiene e de maneiras. Quem escreve estas linhas também participou, antes de ser sacerdote, nessa tarefa, em Miranda do Corvo (Senhora da Piedade), ficando profundamente marcado com imagens que jamais se apagarão.

Tanto quanto nos é perceptível, muitas das colónias de campo existentes há cerca de 20 a 25 anos desapareceram. Um por falta de voluntários capazes de a elas se dedicarem, outras pela sua transformação em colónias de mar, que, em nosso entender, nem sempre serão benéficas para muitos dos seus utentes. Nisto, como noutros aspectos, para lá da falta de gente generosa, capaz de suportar a organização e a subsistência das estruturas das colónias, há que ter em conta as modas, tantas vezes, só por si, geradoras da mudança de hábitos sociais.

Seja como for, as colónias de campo ou de montanha continuam a ser uma belíssima ocasião de ir ao encontro das

Cont. na 4.ª pág.

## O LIVRO

# «DE COMO EU FUI...»

— em maré cheia!

O livro de COMO EU FUI... permanece em maré alta, apesar de Agosto ser um mês de alevante para muitas e variadas gentes.

Não vem dia útil ao mundo sem que Paulo Jorge, «Conchinha» ou Sonnemberg deixem de levar nos seus bracitos para o correio — qual abraço de Paz — obras requisitadas de véspera, destinadas a portugueses domiciliados nas quatro partidas do Mundo.

Na correspondência há faúlhas que brotam de corações ardentes. Até de alguns dos nossos Bispos. Não falando, já, de presbíteros motivados para recordar, a nível comunitário, a figura de Pai Américo no ano que decorre — Centenário do seu nascimento.

Como os Leigos são Povo de Deus inserido no mundo, ouçamos mais algumas destas vozes que espalham a Boa Nova no seu habitat.

Eis a viúva do assinante 21 — que Deus haja — nobre família tripeira que desde a primeira hora foi estímulo à acção de Pai Américo e da Obra da Rua:

«Chego a casa cansada e encontro na caixa do correio a última edição d'O GAIATO.

Sento-me a descansar. Lelo, choro, medito, bato no peito. Pego na pena para desabafar.

Como é grande e como se avoluma com o tempo a gigantesca figura de Pai Américo!

Sinto-me mais perto dele, já que tive a dita de o conhecer e alimento este afecto diariamente ao rezar, contemplando o seu retrato.

Ando, agora, deliciada a ler o livro DE COMO EU FUI... e tenho sempre que aprender, pois nas entrelinhas da colorida descrição sempre se encontra a doutrina dada tão suavemente.»

Assinante 11201:

«Os volumes do Padre Américo são de um encanto sem adjectivos, por maiores e melhores que eles sejam. Inúmeras vezes interrompo a leitura para secar os olhos!

Foi um santo, como João Bosco, o nosso Padre Américo que Deus tem em Sua Glória. Grande lugar tem no Céu junto do Senhor, louvado seja Deus!»

Assinante 19913:

«Já li três vezes o DE COMO EU FUI... e ainda está sobre a minha mesa de trabalho para o ler mais vezes! Faço isso com todos os que têm vindo. Os assuntos são tão actuals e até alguns divertidos, que é com imenso prazer que se lêem.»

Assinante 26055:

«Já li e ofereci o DE COMO EU FUI... Esta leitura não pode ficar fechada em nós! Por isso, peço mais um para mim, outro para uma senhora que mal conhece a Obra da Rua e me entregou 500\$00

para a despesa, pois não há dinheiro para «pagar» tão grande reliquia.

Tenho já vinte e um livros da vossa Editorial. Uma boa meditação para a minha vida — tantas vezes mal aproveitada! Neles fico a conhecer melhor a Bondade de Deus, o que me dá muita calma para aguardar a Hora Final.»

Assinante 27527:

«O livro DE COMO EU FUI... enriquece a minha já vasta biblioteca, onde as obras de Pai Américo têm um lugar de destaque.

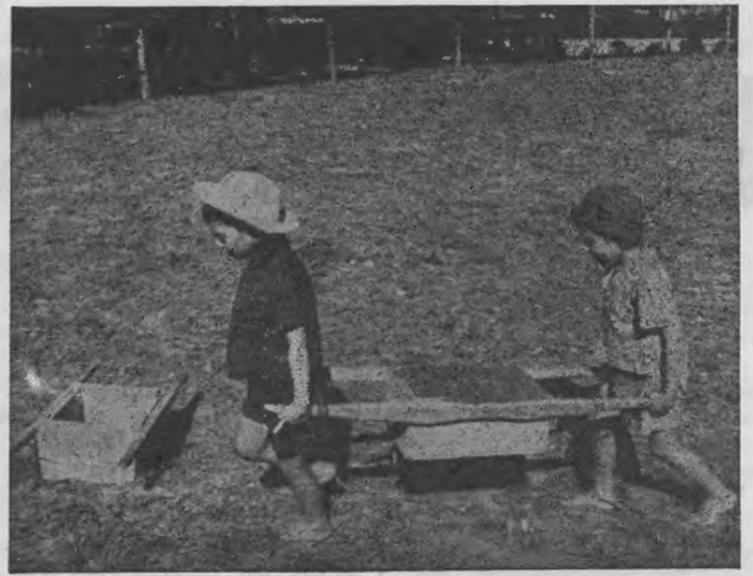
Não descansel enquanto não li todas as páginas, empolgantes, sugestivas, com descrições magistrais que ora nos fazem sorrir ora nos comovem até às lágrimas. Como me sinto pequenino perante a estatura moral e cristã desse apóstolo do Bem e da Verdade! O seu dinamismo, coragem, persistência e uma confiança inabalável em Deus são verdadeiramente notáveis, e só assim se compreende que tenha sido possível concretizar a Obra da Rua. Indiferente à fadiga, viajando sem cessar para viabilizar e

consolidar a Obra, lutar sem desfalecimentos, arrostando, às vezes, com incompreensões. Mas o Amor é a Força mais poderosa do mundo, capaz de vencer os maiores obstáculos; por isso, Pai Américo safu vitorioso. Ainda hoje, lá do Céu, vela para que a Obra da Rua não perca a vitalidade. Tenho pena que, através dos seus continuadores, não me dêem a alegria de vir até à nossa terra... que precisa de ser evangelizada. Como seria bom que certas pessoas ouvissem a Verdade e se compenetrassem dos seus deveres para com os Pobres e fossem coerentes com a Religião que dizem professar.»

Não é só o livro DE COMO EU FUI... que está na baila. Pelos postais RSF (resposta sem franquia), ou na correspondência ordinária, chegam Amigos que desejam todas as obras editadas pelos nossos prelos. E não são poucos!

No entanto, é de crer que a maré cheia permaneça até surgir outra novidade — já em preparação.

Júlio Mendes



Os «Batacinhas» e as padiolas. «É como quem brinca...»

## Aqui, Lisboa!

Cont. da 3.ª pág.

necessidades físicas e espirituais dos jovens, mormente dos estratos menos favorecidos, sem apoios ou capacidade, por si próprios, de terem, ao longo do ano, oportunidade de relaxe físico, anímico e de robustecimento físico.

Prouvera a Deus, neste ano Centenário de Pai Américo, que as Paróquias, Juntas de Freguesia e outras entidades

se dispusessem a fomentar colónias de campo para as suas crianças, sem esquecer, sempre que possível e aconselhável, as de mar. É que tudo o que se possa fazer pelos mais novos é um investimento altamente reprodutivo. A saúde moral e física dum Povo não tem preço e deve constituir uma das prioridades do nosso agir. Haja gente apaixonada!

Padre Luiz

## CANTINHO DA FAMÍLIA

Cont. da 1.ª pág.

deram e nada têm. Não são especulações. São propostas que Deus faz e continua a fazer, assim o cremos.

Voltemos a mergulhar na doutrina sobre a família. «A vida ensina-me que o amor matrimonial é a pedra-de-toque de toda a vida. É grande e autêntico não só quando aparece fácil e agradável, mas sobretudo quando se confirma no meio das provas do nosso viver.»

«Acreditamos que as Casas do Gaiato ou o Calvário são um campo concreto e bem definido para a realização deste Ideal, onde se misturam a luz e as sombras, as alegrias e as aflições. O Amor amadurece e acaba sempre por triunfar. É a única força que permanece, gerando pessoas livres, que aceitam ser amadas e se transformam ou rejeitam o Amor e continuam caídas. Entende e respeita o mistério da liberdade, sem se perturbar. Por isso, amar a sério não é fácil, mas é o único caminho que faz pessoas. Quantas dores ocupam os corações de pais até à amargura de pensarem que é vã toda a sua vida de doação aos filhos! A resposta que pode recuperar-lhes a confiança e tranquilidade é saberem que estão perante o mistério da liberdade dos filhos, ainda que amados com

equilíbrio. E continuar a amá-los.

Como Pai Américo chegou à profundidade deste Amor! Os seus diálogos com os rapazes. As suas conversas com o Senhor escondido no Sacrário. Quantas vezes não terá dito como Francisco de Assis: «O Amor não é amado! O Amor não é amado!» Aqui radica toda a sua força de Pai para combater até ao fim as bata-lhas do Amor.

Uma luta que deve começar dentro de nós mesmos e dentro das nossas famílias «para desterrar egoísmos e incompreensões; uma luta que procura sufocar o mal com a abundância do bem.»

Voltando ao princípio, ao ler as cartas dos rapazes que estão longe e, agora, já pais de filhos, como nos sabe bem ver que não é perdido o tempo quando semeamos com amor! O fruto vem a seu tempo. Pode acontecer que o campo não esteja preparado no tempo da sementeira. Mas a semente ficou. O tempo, que é sempre a hora de Deus, se encarregou de preparar o terreno e o fruto apareceu. Tem mais sabor colhido agora, quando a semente foi lançada e regada com lágrimas. O encontro com esta verdade dá-nos confiança e coragem para continuar. Purifica-nos e leva-nos a meditar que o amor verdadeiro — à semelhança de Cristo — supõe

plena doação, não egoísmo; busca sempre o bem da pessoa amada, não a própria satisfação egoísta.

Vamos mais adiante. Este «Cantinho da Família» pode ser luz para muitas famílias. Quantas vezes tenho pensado na felicidade dos nossos filhos que, mesmo sem a presença do pai e mãe de sangue, estão melhor que muitos em suas casas. É que as famílias, em vez de ser um remanso de serenidade, são um campo de batalha. «Teria um pobre conceito do amor humano e conjugal quem pensasse que ao chegarem as dificuldades, terminam o carinho e a alegria; é precisamente aqui que os sentimentos que animam as pessoas, revelam a sua consistência verdadeira; é aqui que se consolidam a doação e a ternura porque o verdadeiro amor não pensa em si mesmo, mas no modo como aumentar o bem da pessoa amada; a sua maior alegria consiste na feli-

cidade dos seus queridos. Cada família cristã deve ser um remanso de serenidade, no qual, acima das pequenas desavenças diárias, se percebe um carinho profundo e sincero, uma tranquilidade profunda, fruto do amor e de uma fé real e vivida.»

Linguagem simples e fácil de entender, não é verdade? Momento favorável para uma reflexão a nível de pais e filhos. Tantas doenças incuráveis que geram situações irremediáveis porque não foram prevenidas no tempo oportuno! Quem não as conhece? E tantos lares que as vivem! Somos a caixa de ressonância destas desgraças, muitas vezes. Ah, se os lares dessem conta de que o tempo melhor empregado é o que se dedica à esposa, ao esposo, aos filhos. O melhor sacrifício é a renúncia a tudo aquilo que possa tornar menos agradável a vida de família. A tarefa mais importante que as famílias têm nas mãos é a de se empenharem em fazer frutificar com maior intensidade cada dia, o amor dentro do lar!»

Padre Manuel António

Director: Padre Telmo  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administ. Casa do Gaiato, PACO DE SOUSA 4560 Penafiel, Tel. 952285  
Impressão: Ed. das Gráficas da Casa do Gaiato, Paco de Sousa 4560 Penafiel